
Notas sobre possibilidades da historiografia marxista da educação

Prof. Paulo Ghiraldelli Jr.

O estudo da história da Educação e da Pedagogia, por parte dos marxistas, no Brasil hoje, pode crescer qualitativamente a partir de um interessante exercício: uma comparação, olhando vários aspectos, entre os livros *Educação e luta de classes* (de Aníbal Ponce) e *História da educação* (de Mário Alighiero Manacorda).

O primeiro autor é um marxista argentino, cujas palestras nos anos 30 sobre educação foram publicadas no Brasil em 1963. O livro *Educação e luta de classes*, que continha palestras, foi tirado de circulação nos anos mais duros da ditadura militar. Nos anos iniciais desta década, a Cortez e Autores Associados reeditou a obra, colocando-a para um público que vem exigindo sucessivas reedições. O segundo autor é um marxista italiano, razoavelmente conhecido entre os educadores brasileiros preocupados com o pensamento de Antônio Gramsci no âmbito pedagógico. Seu livro foi recentemente traduzido e publicado pela Cortez e Autores Associados e, como o de Ponce, logo terá sucessivas reedições, dado a necessidade de textos objetivos nesta área do conhecimento nas universidades brasileiras.

São textos diferentes sobre o mesmo assunto, porém se posicionam, teórico-metodologicamente, no âmbito da ortodoxia marxista.

Acho importante pensar sobre tal situação. Como o marxismo ortodoxo pode produzir, sobre um assunto tão específico, historiografias tão distintas? Esta pergunta, com resposta óbvia e banal para aqueles que vivem o marxismo como uma teoria e uma práxis pulsante, certamente deve ser colocada de modo in-

sistente para aqueles que, advogando o marxismo ou não, o encaram como um esquema, um método, que em vez de apreender a realidade acaba por prender a realidade.

Ponce, a partir dos distintos modos de produção, das sociedades classistas e das lutas de classes, busca articular o desenvolvimento educacional e o discurso pedagógico com o desenvolvimento social e com as transformações históricas promovidas pelas revoluções. Manacorda, por sua vez, se também preserva nítidas as determinações econômico-sociais sobre a educação, levando em conta as classes e a luta delas, como também as revoluções, desce ao âmbito escolar e capta os regulamentos internos das escolas, aproxima-se da práxis dos educadores e dos alunos.

Ponce prefere entender a educação de maneira ampla. Manacorda olha para a educação propriamente *escolar*. Ponce observa a pedagogia a partir do discurso sistematizado dos filósofos e pedagogos centrais das *classes fundamentais*, principalmente das classes dominantes enquanto dominantes. Manacorda prefere entender a pedagogia a partir de suas manifestações no interior dos prédios escolares, enquanto forjadora de regrários disciplinares, de postulações e diretrizes para a vida cotidiana das crianças na escola, captando assim a educação que as classes dominantes ofereceram (ou não) aos vários segmentos sociais no decurso histórico. A história de Ponce explicita de que lado estão os vários filósofos da educação. A história de Manacorda explicita o que fazem professores e alunos com estes discursos pedagógicos posicionados e, não raro, o que não fazem, por simples desconhecimento, com tais discursos e com tais posicionamentos.

Um exemplo. Quando Ponce cita Comênio, procura ligar sua obra, a *Didática magna*, ao espírito da modernidade, da racionalidade burguesa que já se transfere do mundo fabril para a organização escolar. Manacorda prefere autores menores, mas quando é obrigado a citar Comênio o faz tomando não a *Didática magna*, porém escritos menos conhecidos e, segundo o próprio Manacorda, mais diretamente ligados à regulamentação do cotidiano das escolas. Ponce trata de avisar o leitor que a religiosidade da obra comeniana é secundária e o que vale captar é sua sinto-

nia com o espírito da racionalidade da burguesia emergente. Manacorda prefere se centrar na contradição da figura de Comênio, mostrando-o como um reformador das escolas que ainda traziam, muito, fórmulas e visões do mundo não-moderno. Ponce coloca a *Didática magna* ao lado do *Discurso de método* de Descartes. Manacorda coloca as *Normas para uma boa organização da escola*, escritas por Comênio para experiências práticas na Hungria, ao lado dos regulamentos e leis internas de escolas e universidades em outros países, mais ou menos no mesmo período, elaboradas por educadores (?) anônimos.

É interessante notar que há, em ambos os teóricos marxistas, um espírito diferente quanto ao uso do marxismo e quanto à consideração das possibilidades do marxismo enquanto alavanca revolucionária. Isto, sutilmente, os faz partidários de concepções marxistas de mundo e de história com caracteres diferentes. Essa diferença influencia diretamente as idéias heurísticas de cada um, colocando-os em suas perquirições históricas a olharem com mais atenção para fios condutores particulares.

Assim, Ponce vê a história através de um *progressismo* marxista que considera a humanidade em seu caminhar para graus mais altos de liberdade, não sem retrocessos históricos e geográficos. Manacorda parece mais cauteloso, menos confiante nas possibilidades da humanidade e do marxismo enquanto seu redentor; desta forma, seu fio condutor é menos a liberdade econômico-social e política do homem e mais uma questão interna ao próprio processo pedagógico, que é o aparecimento e desenvolvimento do trabalho como princípio educativo. Ambos os fios condutores são retirados do socialismo e principalmente do marxismo, mas é óbvio que a adoção de um e não de outro como uma idéia capaz de indicar uma heurística revela, em última instância, diferenças nas concepções marxistas da história adotadas.

É fácil notar isto quando pegamos as partes do texto cronologicamente correspondentes. Quando Ponce apresenta Diderot, o faz considerando-o um representante da ala dos trabalhadores do Terceiro Estado, em contraposição a Voltaire, que ele diz ser “direita” do Terceiro Estado. Diderot, portanto, encar-

nou as aspirações mais legítimas da Revolução. Quando Manacorda apresenta Diderot, o faz lembrando das visitas do filósofo francês às oficinas operárias para captar “as novas relações entre cultura e trabalho”.

Mas é interessante ver como, apesar de olharem a história de modos particulares, ambos, por comungarem do marxismo, captam perfeitamente as mesmas coisas, os aspectos essenciais destas coisas. Assim, Ponce mostra a divisão interna do Terceiro Estado combatendo Voltaire e Diderot. O primeiro combateu a religião, mas jamais desejou ou aconselhou que ela não fosse ensinada ao povo, mas que fosse abolida para as pessoas “de peso”. O segundo dizia abertamente que a educação dos camponeses e a saída deles do mundo da superstição os colocaria numa posição mais vantajosa contra a exploração. Manacorda, por sua vez, prefere descer ao miúdo para mostrar a divisão do Terceiro Estado. Mostra como no interior da *Enciclopédia*, que sem dúvida inovava em vários verbetes inúmeros conceitos, colocando a cultura feudal abaixo, no verbete sobre a educação, elaborado por César Dumarsais, mantinha ainda uma perspectiva “voltada para o passado”, que de certa forma visava uma educação particular a cada setor social diferentemente, mantendo uma divisão mais ligada a uma sociedade de estamentos do que de classes.

Numa comparação inicial é possível dizer que Ponce trabalha com o paradigma da história contida no *Manifesto comunista* de 1848, ou seja, a história em *grandes linhas*. Manacorda tem como paradigma, pode-se dizer também inicialmente, o capítulo da Acumulação Primitiva de *O Capital* e os textos mais propriamente historiográficos de Marx, como *A Guerra Civil em França* e o *Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. Mas essas afirmações devem ser tomadas com muito cuidado e com relativismos extremos. Talvez seja melhor dizer que Ponce carrega o marxismo latino-americano dos anos 30, ligado à III Internacional, enquanto que Manacorda bebe na tradição do marxismo italiano, que em Labriola e Gramsci se expressou como *filosofia da práxis*. Uma comparação mais profunda, então, poderia ver em que medida estas duas visões que considero ortodoxas — em ambas o marxismo não precisa ser “corrigido” e é

uma concepção de mundo totalizante — se comportaram bem ou mal na produção de obra historiográfica no campo da educação e pedagogia.

Outro ponto importante na comparação das duas formulações é o papel da *imagem* da revolução socialista. A imagem de revolução, diferente em Ponce e Manacorda, também dirige para caminhos particulares cada construção historiográfica.

Ponce, nos cânones do marxismo da III Internacional, vê a revolução menos como um *processo* que engloba todo o Estado (sociedade civil + sociedade política — Estado “ampliado” de Gramsci, formulação que Ponce não pôde vir a conhecer) e mais como um *momento* de assalto ao poder governativo central. Tal imagem o leva a considerar a escola e a educação não partícipes da revolução, mas sim que podem mudar *após* a revolução. Coerentemente com esta visão, a educação em Ponce é “burguesa” de maneira plena, universal e inexorável. Na luta de classes, a educação e a escola são instrumentos da burguesia *contra* o proletariado. A escola é vista como meio de transmissão e reprodução de valores do ideário de vida burguês, no seu sentido mais mesquinho e, portanto, só estará a serviço da libertação do homem quando for invertida a política educacional, que por sua vez só pode ser mudada após o momento da revolução. Daí que Ponce só passa a dar atenção à pedagogia de inspiração socialista, em seu texto, quando chega ao período em que Lênin comanda o Estado soviético.

Manacorda conhece em minúcias as teorias gramscianas e projeta outra imagem de revolução, também diretora de sua historiografia. A revolução socialista é um processo que implica dupla luta; por um lado o partido revolucionário participa da política burguesa, tentando por todos os meios alcançar o poder governativo; por outro lado o partido revolucionário e demais entidades afins da sociedade civil travam uma batalha por hegemonia, com forte conotação cultural. Assim, neste caso, a educação, a escola, a pedagogia são instâncias contraditórias em que o velho convive com o novo e as formulações teóricas da burguesia são fustigadas pelas formulações teóricas socialistas. A educação para a *omnilateralidade*, reivindicada pelo marxis-

mo, é algo que não pode ser deixada *para depois*, mas deve ser alcançado em graus crescentes durante todo o processo em que vai se dando a batalha por hegemonia. Manacorda portanto trabalha durante todo o livro a questão do ensino do ponto de vista dos trabalhadores, em várias das suas germinações, em suas manifestações, crescimentos, fustigações e sufocamentos. Menos preocupado com a política educacional e mais preocupado com as questões pedagógico-didáticas, Manacorda tende a subalternizar os discursos de Lênin sobre o caráter de classe da escola burguesa e sua preocupação com a inculcação ideológica, ante os discursos daqueles intelectuais socialistas que olharam não apenas do ponto de vista da política educacional, mas fundamentalmente (para usar uma expressão gramsciano-manacordiana) do ponto de vista molecular — as relações entre professor e aluno, o princípio educativo, as formulações mentais e construções psicológicas, a organização interna das escolas etc.

Não digo que a revolução seja um tema explicitamente colocado nos textos como ápice da história, ou mesmo que existam teorizações a respeito dela no texto. Tanto Ponce como Manacorda tratam-na sem apologias; o que se estabelece nas entrelinhas é uma imagem de revolução que dirige prioridades em ambas as historiografias distintamente. De certo modo, pode-se dizer que a imagem de revolução faz parte da concepção marxista da história e, como Ponce e Manacorda possuem diferentes concepções marxistas da história, também apresentam distintas imagens de revolução. Assim, como a concepção da história, a imagem de revolução é um prisma pelo qual ambas as visões passam necessariamente, informando as perquirições científicas em seus caminhos, na busca da construção historiográfica mais objetiva.

Em hipótese alguma Manacorda e Ponce esgotam as possibilidades da historiografia marxista da educação e pedagogia. Se, a título de exercício acadêmico, for possível traçar uma linha divisória entre estas duas historiografias, de um lado Ponce pode servir de inspiração para várias formulações ainda não tentadas, de outro lado Manacorda está igualmente apto a conduzir para temas ainda não abordados. Pelo lado de Ponce, pode-se apro-

fundar numa historiografia captadora das relações mais sofisticadas entre os filósofos da educação e os compromissos de classe, colocando em evidência as reais determinações do discurso científico e filosófico a respeito da educação. Pelo lado de Manacorda, pode-se ver as filosofias se transformando em ideologias pedagógicas e em formulações didáticas que viram força material no âmbito escolar; inclusive pode-se traçar a imagem do professor nos determinados períodos históricos, sua mentalidade e relações com as várias necessidades classistas. Pelo lado de Ponce, pode-se aprofundar a relação entre educação e modo de produção. Pelo lado de Manacorda, pode-se estreitar as relações entre as superestruturas pedagógicas, as diversas consciências de classe, geográfica e historicamente distintas. Pelo lado de Ponce, pode-se pensar em consciência de classes e suas ligações com a política educacional. Pelo lado de Manacorda, pode-se pensar nas ligações da consciência empírica e as formulações pedagógico-didáticas no âmbito escolar e suas vinculações com a consciência de classe e as determinações gerais da política educacional.

Nem Ponce nem Manacorda chegam às formulações que indico acima. Apenas se posicionam com historiografias que apontam estes caminhos. Todos estes caminhos são praticamente virgens para a historiografia marxista da educação e da pedagogia.

Um outro estudo que se poderia fazer a partir da comparação entre Ponce e Manacorda é o de buscar, nos seus fundamentos marxistas, a formulação exata de suas concepções de história e ver em que medida as várias faces de Marx se sobrepõem. É sabido que o marxismo, como salientou Lênin, parte do socialismo francês, da economia política inglesa e da filosofia clássica alemã; ora, cada uma dessas formulações apresenta concepções da história distintas e, sendo assim, a predominância de uma das composições sobre as outras fornece à concepção marxista da histó-

ria coloridos diferentes. Talvez por isso, Ponce e Manacorda, ambos sob o critério de ortodoxia, estejam em perspectivas se não opostas, pelo menos não passíveis de completa indiferenciação.

À guisa de conclusão — se é que se pode falar em conclusão num texto que reúne apenas notas —, digo que Ponce e Manacorda produziram textos que são, para além daquilo que já foi dito, diferentes porque respondem a necessidades específicas dos educadores de esquerda dos anos 30 e 80, respectivamente. Ponce insistiu na tese de que a educação é inculcadora ideológica e responsável por uma escola classista capaz de participar ativamente no projeto de dominação das classes dominantes, em especial da burguesia. Não é difícil perceber que é uma tese típica do marxismo dos anos 30 e que na América Latina se disseminou por outras correntes de esquerda, chegando até os anos 70, quando se sofisticou no interior daquele movimento teórico que Saviani identificou como “crítico-reprodutivismo”. Manacorda insistiu na diferenciação entre escola profissionalizante — que ele identifica como uma proposta das classes dominantes, em especial da burguesia — e escola que une o trabalho produtivo, a instrução intelectual, os exercícios físicos e o treinamento politécnico — que ele coloca como a original proposta marxista que deve se mostrar capaz de superar o ensino burguês. Esta segunda formulação, desde que entendido que ela só pode alcançar plena realização fora do capitalismo, portanto na sociedade socialista, corresponde à parte do núcleo teórico daquilo que Saviani cunhou como “pedagogia histórico-crítica” e que Libâneo costuma chamar de “pedagogia crítico-social dos conteúdos”. Assim, concluo também que as próprias pedagogias inspiradas no marxismo são contributos fundamentais para a orientação dos educadores-historiadores quando de seus trabalhos historiográficos.